

CAPÍTULO 1

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

Síntese:

Objeto de estudo, métodos e especificidade enquanto ciência social e humana

Designações, distinções e cruzamentos

O universal e o particular, diferença e semelhança

O comparativismo e a reflexividade antropológica

O ponto de vista antropológico

Atividade formativa

Leituras principais e de aprofundamento

Resultados de aprendizagem:

-Reconhecer o sentido e os usos de designações no âmbito da disciplina

-Identificar a especificidade do objeto da antropologia

-Compreender o processo de “tradução” envolvido no conhecimento antropológico

-Identificar a natureza da reflexividade antropológica

-Encarar a diferença e a alteridade como qualidades relativas

-Compreender a importância do ponto de vista comparativo e de uma perspectiva contextualista

OBJETO DE ESTUDO, MÉTODOS E ESPECIFICIDADE ENQUANTO CIÊNCIA SOCIAL E HUMANA

Designações, distinções e cruzamentos

Autores como C. Lévi-Strauss (1974 [1958]: 389-394) fizeram uma distinção entre as designações de etnografia, etnologia e antropologia com correspondência próxima na etimologia. **Etnologia** (*ethnos*, relativo a "povos") e **antropologia** (*anthropos*, relativo a Homem/Humano) corresponderiam a diferentes graus de generalização, do particular para o geral, do local para o global. Seriam pois etapas sucessivas do trabalho antropológico, o qual culminaria num conjunto de ideias teóricas sobre a humanidade a partir da análise comparativa das formas particulares de diferentes "povos".

Hoje a distinção passou também a fazer-se noutras bases. Começando pela **etnografia**, é certo que o trabalho descritivo de observação e escrita, da recolha ao registo de dados, diz respeito a uma investigação específica. Mas não tem sentido opor descrição e teoria, pois a descrição já contém ela própria pressupostos teóricos. São eles que começam desde logo por orientar a atenção acerca daquilo que é ou não é relevante descrever, atenção essa que também se encontra informada de antemão por um conhecimento comparativo prévio sobre outras formas sociais e culturais.

Quanto à distinção entre **etnologia** ou **antropologia**, na verdade hoje em dia pode suceder que designem sensivelmente o mesmo tipo de saber. O uso de um ou outro termo pode simplesmente dever-se a diferentes tradições nacionais e às conotações que cada um foi ganhando nesses diferentes contextos. No Reino Unido e nos Estados Unidos é mais corrente o termo "antropologia" (abarcando as vertentes física, social, cultural e linguística). Em França, "antropologia" é um termo também usado. Porém recentemente, e apesar de no passado tal não ter sucedido, pode encerrar outras conotações com as quais os antropólogos não se identificam e preferem não ver associadas à disciplina: por exemplo, a de antropologia filosófica, um discurso de base não-empírica sobre a Humanidade, o qual por seu turno sofre por vezes apropriações por parte de um discurso de carácter místico-esotérico; ou a de antropologia física e biológica, que é entendida como relevando de uma área do saber vincadamente distinta da antropologia social e cultural. Por estas razões, para distanciar-se deste tipo de conotações e muito embora pratiquem a mesma disciplina que os seus colegas anglo-americanos, em França muitos antropólogos preferem designar-se por "etnólogos". Já nos Estados-Unidos a palavra etnologia tem uma negativa conotação passadista e folclorista.

As designações **antropologia social** e **antropologia cultural** não se referem tanto a disciplinas diferentes, ou sequer a subdisciplinas, mas a diferentes ênfases em dois aspetos intimamente ligados: a antropologia social, de tradição britânica, tendeu a centrar-se mais nas relações sociais e em instituições sociais como por exemplo a família, o parentesco, a organização política. A antropologia cultural, de tradição americana, tendeu a focar sobretudo ideias, atitudes, comportamentos, objectos. No entanto, as perspetivas antropológicas contemporâneas sobre a cultura, ao situá-la como um processo indissociável das relações sociais e eminentemente constituído nelas, tornaram esta divisão menos nítida e até menos pertinente.

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

Apesar de algumas proximidades férteis com os **estudos culturais**, que relevam sobretudo da área das humanidades, e de partilhar com estes perspectivas críticas sobre a produção de conhecimento, a representação da alteridade e as questões de poder e desigualdade envolvidas nessa representação (e.g. a teoria pós-colonial), a tradição empírica da antropologia e uma preocupação "objetivista" distingue-a destes e situa-a nas ciências sociais. A descrição densa, assente em observação etnográfica detalhada e em trabalho de terreno prolongado, faz com que as lógicas culturais não sejam abordadas separadamente do meio social vivido, à maneira de textos, ou a partir de textos (Ortner 1995). Por fim, enquanto os estudos culturais tendem a centrar-se mais na cultura de massas, ou em tradições culturais marginalizadas, a antropologia tem no centro do seu projeto a comparação transcultural.

O universal e o particular, diferença e semelhança

O que estuda a antropologia? A antropologia que se pratica hoje não é a mesma que se praticava nos anos 1950, menos ainda a que se levava a cabo no século XIX. Contudo, apesar da sua evolução e por muitas transformações que tenha sofrido, há um ponto de vista específico e um projecto característico que permanece. É uma disciplina que estuda o jogo das diferenças e das semelhanças. O seu projecto, que se mantém constante, tem sido o de pensar a relação entre a unidade e a diversidade da humanidade. Enquanto espécie, temos uma biologia comum, um mesmo equipamento cognitivo e biopsicológico. Se nos lembrarmos das doutrinas raciais, houve um tempo em que este não era um dado tão incontroverso como é hoje. A sociedade é também um atributo (não exclusivo) da espécie na medida em que a interação com os outros é uma condição universal para realizarmos as nossas aptidões e necessidades enquanto organismos dessa espécie (via linguagem, por exemplo). Mas são os universais culturais, não os biológicos, que a antropologia interroga. Tornar-se propriamente humano depende das condições sociais e culturais *particulares* de existência que essa socialidade gera (Ingold 1994). Dependemos de regras criadas por meios sociais particulares. Atribuímos significado ao mundo e à experiência desse mundo e interagimos com os significados que os outros lhe atribuem. Eles informam e transformam os nossos. A socialidade é a condição de se ser humano ao ser constitutiva da *variedade* da experiência humana. Vivemos no mesmo mundo construindo histórias, convenções e instituições particulares. As formas culturais particulares são uma ilustração das possibilidades da capacidade humana para a cultura. A antropologia tem-se debruçado sobre como sociedades particulares resolvem problemas universais (até que ponto o fazem de maneira comum ou diferente), incluindo como e porquê passaram a ter diferentes problemas a resolver. É pois nestes termos que procura estudar o que é culturalmente universal e o que é variável.

O que têm, pois, em comum os seres humanos enquanto seres sociais e culturais, e até que ponto são diferentes e únicos? As questões teóricas da antropologia contêm sempre a um qualquer nível, explícita ou implicitamente, esta interrogação. A antropologia é assim uma disciplina necessariamente comparativa. A dificuldade mais básica que se enfrenta na prática antropológica, como repetiremos amiúde, reside em conseguir identificar as especificidades sem cair na exotização, que faz das diferenças em relação a sociedades ou formas outras o único eixo da comparação, não atendendo suficientemente às semelhanças.

Os antropólogos tentam compreender essas formas sociais e culturais *por dentro*, quer dizer, do ponto de vista das pessoas que estudam, ou do chamado ponto de vista nativo. Esta

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

aprendizagem tende a fazer-se em grande parte através da chamada **observação participante**, um trabalho de campo contínuo e prolongado junto dessas pessoas (embora o tipo de inserção varie consoante o perfil e os propósitos da investigação), em que se tenta partilhar tanto quanto possível a sua vida de todos os dias. Sublinhe-se que a ideia-chave é a partilha prolongada da vida de *pessoas*, não a imobilização territorializada num *local*. As duas coisas podem coincidir, mas não necessariamente. Contrariamente ao estereótipo do antropólogo que se desloca a *um* local delimitado de antemão para fazer trabalho de campo e de onde regressa ao fim de algum tempo, a descrição densa (Geertz 1973) de uma forma social e cultural pode implicar a multiplicação de sítios de observação (Marcus 1995) não só na medida em que as pessoas se movem, mas também porque aspetos da sua vida se encontram globalmente interconectados às de outros. Assim como uma população pode estar geograficamente dispersa, também um "sítio" pode ser descontínuo no espaço. O importante é acompanhar pessoas, histórias, objetos.

Porém, o objetivo final de um/a antropólogo/a não consiste em embrenhar-se num universo social e cultural e compreendê-lo por dentro, "como se fosse" um/a nativo/a. Depois de aprender e compreender uma maneira de pensar ou de fazer as coisas tem de poder sair dela para comunicar essa compreensão não só para os próprios mas também para outros, para uma variedade de outros universos sociais e culturais. É nesse sentido – e apenas nesse – que este processo pode ser pensado como um tipo de "tradução"¹.

Não pode, porém, tentá-lo de qualquer maneira. Tem de fazê-lo através de conceitos adequados, que sejam ao mesmo tempo fiéis ao universo estudado, mas compreensíveis fora dele. O código de "tradução" é dado pela formação antropológica. Se apenas interiorizar esse outro quadro cultural sem conseguir "traduzi-lo" para outros, isto é, sem conseguir relacioná-lo com o da sua e de outras sociedades utilizando os instrumentos da antropologia, então está condenado a só poder partilhar esse conhecimento com os próprios nativos e com mais ninguém. Esse conhecimento tem que ser tornado *comunicável*. Caso contrário, como o colocou C. Castoriadis (1975: 228), "O antropólogo que assimilou tão bem a visão do mundo dos Bororo a ponto de não os conseguir ver senão à maneira Bororo, já não é um antropólogo, é um Bororo - e os Bororo não são antropólogos".

Esquemmatizando, tem portanto de proceder a dois movimentos de *distanciação*. Num primeiro momento tem de descentrar-se tanto quanto possível do seu quadro cultural de origem para melhor assimilar um outro nos próprios termos desse outro universo. Depois, contudo, tem de se distanciar desse outro quadro que procurou compreender. Para comunicar esse conhecimento, o antropólogo tem de traduzir uma maneira particular de ver as coisas e de estar no mundo - um sistema de significação, se quisermos - para outro sistema de significação.

O comparativismo e a reflexividade antropológica

Mas acima de tudo trata-se de, com isso, construir um saber sobre a natureza humana a partir do conhecimento das várias formas de se ser humano, ou das várias *possibilidades* de se ser humano. É um trabalho que envolve, pois, ao mesmo tempo uma atenção àquilo que é comum e àquilo que é diferente, ao universal e ao particular. Por isso a antropologia é necessariamente comparativa. O seu método mais específico é o **método comparativo**, para

¹ A. Por ter sido levada demasiado longe e dadas algumas das suas implicações exotizantes, a metáfora da tradução foi justamente criticada a variadíssimos títulos (e.g. Asad 1986, Pina Cabral 1992). Ela é aqui usada no sentido fraco e limitado de tornar comunicável, inteligível e universalizável um conhecimento gerado num quadro particular.

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

além de outros utensílios metodológicos como sejam a observação (através do trabalho de campo) e a interpretação.

A natureza comparativa da antropologia tende a tornar esta disciplina particularmente consciente - ou reflexiva - quanto aos conceitos e noções que utiliza, inclusive quanto às suas premissas teóricas. Consciente ou **reflexiva** não só acerca daquelas em que ela própria assenta, mas também das categorias utilizadas pelas ciências sociais e humanas em geral. Por exemplo, o conceito de "hierarquia", de "casamento", de "parentesco", de "desenvolvimento", ou outros que marcaram a história de algumas disciplinas como o de "complexo de Édipo".

Todos estes conceitos deixaram de parecer evidentes quando foram postos à prova da comparação com uma variedade de contextos culturais. Os cientistas sociais nem sempre estão suficientemente cientes da marca histórica e cultural dos conceitos que utilizam, os quais não são categorias científicas puras e neutras (ou não tão neutras como a de "fotão" ou "neutrino", para recorrer a um exemplo da física), mas refletem o senso comum da sociedade em que nasceram. São categorias históricas em parte prisioneiras dessa sociedade. Ao estudar os *outros* podemos aprender sobre nós próprios, ou é uma pré-condição para uma maior compreensão de nós próprios. Podemos aprender não só enquanto "sociedade", mas enquanto disciplina científica, no que diz respeito aos próprios conceitos que usamos para descrever a realidade. A finalidade, neste caso, é a de encontrar conceitos e categorias lógicas que possam ser universalmente válidas (veja-se, a título de exemplo, o debate sobre a carácter da noção de "parentesco" no capítulo 6), ou perspectivas alternativas fundamentais para questões globais contemporâneas. A questão não é tanto somar, em complemento, a dimensão cultural a outras no conhecimento de um problema, ou informação detalhada de terreno que outras metodologias não captam. Trata-se de poder conceber, de raiz, perspectivas novas sobre esse problema (Gledhill 2000: 9).

Este é um tipo particular de **objetividade** (Lévi-Strauss: 1974 [1958]). Esta não consiste só numa objetividade de primeiro nível, que consiste em o observador procurar abstrair-se, tanto quanto lhe é possível, dos seus sentimentos, preconceitos e valores. Apesar de permanentemente questionado e desafiado, esse tipo de objetividade continua a caracterizar, em princípio, toda a prática de investigação em ciências sociais. Trata-se sim de uma objetividade de *segundo nível*. Não se trata apenas de o/a antropólogo/a se elevar acima dos valores da própria sociedade, mas também acima dos métodos de pensamento, de forma a atingir uma formulação válida para todos os observadores possíveis, até onde ela for alcançável. Procura-se integrar novas categorias mentais, como por exemplo noções de espaço, de tempo, de pessoa, de "relacionalidade" – entre outras - eventualmente estranhas ao seu quadro cultural de origem. Procura-se integrar novas categorias, como por exemplo noções de espaço, de tempo, de pessoa, de "relacionalidade" – entre outras - eventualmente estranhas ao seu quadro cultural de origem. Procura-se conceitos que possam iluminar as diferenças entre sociedades. Um ponto de vista verdadeiramente universal sobre a condição social é aquele capaz de reconhecer e dar conta da diferença (Viveiros de Castro 2010: 657).

O ponto de vista antropológico

A antropologia ocupa-se então da diferença e da semelhança, da diversidade, da alteridade. Mas a alteridade não é uma propriedade fixa ou uma qualidade própria que esta ou aquela população têm à partida inscritas em si. É uma noção relativa. Quer dizer, só se é Outro a

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

partir do olhar de alguém, por relação ao Eu. O Outro não é uma entidade absoluta, dada na realidade de maneira fixa, é uma posição relativa.

Nesse sentido, há graus de diferença. O Outro não se posiciona como tal num quadro necessariamente longínquo (a Amazónia, a Nova Guiné...). A distância pode não ser geográfica, mas sim social ou cognitiva: um bairro em Lisboa, uma comunidade de pescadores, um grupo de *tuners* e *street racers*, uma claque de futebol, uma prisão, uma comunidade na diáspora, uma rede de internautas... Todos estes contextos podem ser objeto de um olhar antropológico, desde que este venha munido da bagagem teórica e metodológica que permite construir alguma distância reflexiva.

Esclareça-se, aliás, que o "nós" retórico que temos usado aqui não tem um referente fixo e.g. "ocidental", euro-americano, e unindo neste pertença comum os presumíveis antropólogos e os presumíveis leitores. Apesar de a antropologia ter nascido em contextos "ocidentais", há muito que se generalizou a todos os continentes e se universalizou enquanto instrumento de conhecimento². Essas outras geografias onde antes os *outros* se encontravam fixados deixaram de ser meros fornecedores de dados para passarem a ser igualmente produtores de conhecimento – do mesmo que a diferença também se produz dentro de portas e podemos olhar para nós próprios como outros. Como observou J. de Pina Cabral (2005) a este propósito, deu-se um descentramento da alteridade e do objeto da antropologia.

Da bagagem teórica e metodológica da disciplina faz implicitamente parte o ponto de vista comparativo no qual os antropólogos são formados. Este olhar comparativo não só ajuda a tornar familiar o que parece estranho, mas também treina a tornar estranho aquilo que parece familiar e por isso natural e evidente. Mesmo quando não se empreende explicitamente uma comparação num estrito sentido técnico-metodológico, a perspetiva e o conhecimento comparativos que a disciplina foi construindo na sua história sobre o que é social e culturalmente diverso, molda o modo como o/a antropólogo/a olha para o que está mais perto de si. Olha portanto para dentro a partir de um desvio, a partir desse olhar de exterioridade que torna mais nítidas as semelhanças e as diferenças e contribui para pôr em evidência o carácter relativo de todas as formas de existência, incluindo aquelas que tendemos a encarar como estando inscritas na ordem natural das coisas.

Desta forma podemos analisar a contemporaneidade a partir de uma multiplicidade de figuras há muito presentes numa variedade de sociedades, quer dizer, a partir das potencialidades ou das possibilidades alternativas presentes em diversos sistemas e formas culturais. Esta perspetiva pode por isso ser importante para considerar a uma outra luz várias questões na ordem do dia, desde técnicas de reprodução assistida aos debates sobre a natureza, o humano e o pós-humano (como se exemplificará adiante).

Outra característica historicamente importante nesta área do saber é a visão ampla, abrangente, outrora também conhecida por "perspetiva holista". Embora na aceção técnica o termo "holismo" designe mais propriamente um sistema em que o todo prevalece sobre as partes (ou a comunidade sobre o indivíduo), conheceu uma extensão de sentido que faz com que seja também sinónimo de "perspetiva de conjunto". Trata-se neste caso de uma preocupação com o todo, em abarcar a totalidade dos elementos a tomar em consideração para dar conta de

² Entre os antropólogos contemporâneos contam-se nomes indianos, africanos, chineses, japoneses....

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

um dado objeto, sem os compartimentar à partida em enfoques segmentados neste ou naquele aspeto ou em secções da realidade (a económica, a política, a religiosa...).

É muito cara, na história da antropologia, a noção de "**facto social total**" de Marcel Mauss. Um facto social total é um tipo de fenómenos que exprime ou sintetiza o conjunto da vida social de um dado grupo (Copans 1974), como é o caso do *potlach*, um desafio de dádivas e contra-dádivas estudado por Mauss (1988 [1924]) na costa noroeste da América, ou o *kula* das ilhas Trobriand (Melanésia), um grande circuito de trocas cerimoniais estudado por B. Malinowski (1984 [1922]). Estes são exemplos clássicos, paradigmáticos, de um facto social total no sentido próprio do termo. Mas esta expressão passou sobretudo a evocar a ideia de que há fenómenos sociais que não relevam só de um nível da sociedade, mas de vários níveis, e envolvem várias instituições. São ao mesmo tempo fenómenos jurídicos, económicos, simbólicos, políticos, rituais... Em termos gerais, e mesmo quando não se trata estritamente de factos sociais totais, ficou o ensinamento de que elementos económicos, por exemplo, só podem ser entendidos e explicados se relacionados com fenómenos políticos, religiosos, parentais, técnicos, estéticos. Cada aspeto isolado ganha significado a partir do conjunto social e cultural (variavelmente definido) em que está inserido. Há a preocupação em não estudar aspetos de uma realidade como fatias pré-recortadas, mas em relacioná-los sempre com outros aspetos do mesmo contexto.

Em parte por isso a antropologia tendeu historicamente a focar realidades de pequena escala onde as relações sociais são diretamente observáveis, isto é, unidades restritas que possibilitassem o relacionamento entre vários aspetos -- na perspetiva de conjunto mencionada atrás. Isso não significa, contudo, que se considere esses grupos, cenas sociais ou unidades como sendo fechados, isolados, ou como tendo uma existência autónoma e cortada de uma envolvente global mesmo se no passado da antropologia se tenha por vezes incorrido nesse erro de perspetiva. O que se procura captar hoje é antes o modo como as forças globais aparecem reconfiguradas, agidas e vividas no plano das relações sociais concretas, em suma, como jogam localmente segundo uma lógica e uma dinâmica específicas.

Em pano de fundo é portanto pensada a relação entre o particular e o global. Nesse sentido, pode dizer-se que a abordagem etnográfica é uma abordagem localizada, mas não local, na medida em que tem um ponto de ancoragem e de observação particular, mas um horizonte de análise mais amplo. A etnografia pode revelar o geral através do particular. A expressão etnografia multi-situada (Marcus 1995) refere-se de resto não só à multiplicação das sedes geográficas de um trabalho de terreno, mas à captação de realidades de larga escala, num contexto de interconexão global, por este prisma específico. O sistema mundial pode ser estudado à escala de vidas concretas.

Em suma, a abordagem antropológica tem sido historicamente marcada por duas tentativas características:

i) Examinar um contexto (ou cena social e cultural) numa perspetiva abrangente e sistemática, procurando ver como um elemento desse contexto se articula com outros, ou ganha sentido à luz de outros.

ii) Examinar cada contexto em relação a outros, à luz das semelhanças e diferenças entre eles, e procurar dar conta de ambos os termos.

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

Atividade formativa

Discussão dos textos :

TESTART, A. : 1982, "L'objet de l'Anthropologie Sociale", in L'Homme, nº 97-98 ;

LENCLUD, G. : 1982, "En être ou ne pas en être", in L'Homme, nº 97-98

"Os limites de uma disciplina [são avaliados] na base de uma tradição histórica. O objeto principal da Antropologia Social, tal como se constituiu no século passado, é o estudo das sociedades primitivas diversamente definidas em função da ausência de Estado ou da ausência de escrita" (Alain Testart, 1982: 147-148).

"A querer tomar sociedades reais por objetos científicos e o acaso histórico por uma necessidade epistemológica, é de recear que a única resposta possível à questão: que sociedades constituem o objeto da Antropologia? -- seja a seguinte: as sociedades que ela tem por costume estudar" (Gérard Lenclud, 1982: 156).

Enquadramento:

"O que constitui um estudo antropológico não é onde é conduzido ou em que tipo de povo é realizado, mas sim o quê é estudado e como é estudado" (E. Evans-Pritchard)

Com base na **constatação** de que a antropologia já não se debruça apenas sobre aquilo que se referia por sociedades "primitivas" contemporâneas, mas também sobre as chamadas sociedades complexas, industrializadas -- parecendo por conseguinte partilhar o terreno disciplinar com outras disciplinas, como por exemplo a sociologia --, corre a ideia de que aquilo

que distingue hoje esta área do saber não é tanto o seu objeto mas o método que utiliza, sendo este apontado como consistindo na observação participante. À luz desta constatação e destas ideias comuns propõe-se uma leitura dos textos identificando a posição convergente ou divergente dos autores em torno das seguintes questões:

Questões a discutir:

- o que distingue a antropologia é o método e não o objeto?
- o método é apenas um meio e o meio implica um fim; é o objeto que justifica o método?
- como é definido o objeto da antropologia e segundo que critérios é circunscrito?
- o objeto da antropologia está condenado a desaparecer? Segundo que autor? Por que razões?
- a antropologia define-se pelo tipo de sociedades que estuda?
- objeto de estudo (o "que" se estuda) é equivalente a terreno de estudo ("onde" se estuda)?
- qual tem sido a problemática tradicional da antropologia; segundo que autor?
- as questões fundamentais da antropologia só podem ser tratadas no âmbito de algumas sociedades?

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

-a antropologia é o estudo do Outro (ou das sociedades “exóticas”), tal como a sociologia seria o estudo do Mesmo (ou, e.g., sociedades industrializadas euro-americanas)?

Na discussão dos textos em torno destas questões-âncora começar-se-á além disso a desenvolver alguns pontos tendo em vista problematizar a “grande clivagem” com que percepções correntes caracterizam a divisão do trabalho científico no âmbito das ciências sociais, principalmente entre a sociologia e a antropologia (ver capítulo seguinte):

- *A questão da observação participante como característica distintiva da antropologia.* Se é certo que os antropólogos dão muita importância à observação direta e à observação participante, também usam instrumentos estatísticos e recorrem a fontes historiográficas - entre outros instrumentos metodológicos - do mesmo modo que hoje os sociólogos também não se limitam a métodos quantitativos e praticam igualmente etnografia.

- *A idealização das sociedades primitivas.* Historicamente estudadas pela antropologia na base da maior cumplicidade entre os seus níveis (ver a noção de facto social total), da dimensão supostamente reduzida (ver a preocupação de abrangência) e da predominância de relações face a face (concretas, diretamente observáveis), estas sociedades foram imaginadas como sendo puras, não contaminadas antes da “colonização e da introdução de relações comerciais capitalistas” (cf. texto Testart). Mas essa era uma visão enviesada. Muitas dessas sociedades participavam em trocas culturais complexas. Por outro lado, mesmo que pudessem parecer microcosmos isolados, na realidade essa situação era por sua vez ela própria um produto da relação que mantinham com um sistema mais vasto, e não só colonial ou pós-colonial. Veja-se o exemplo dos bosquímanes e as relações que estes caçadores-recolectores nómadas do Kalahari mantinham com pastores há um milénio, culminando depois com a sua particular inserção na estrutura político-económica da África do Sul (ver o debate entre Richard Lee vs. Edwin Wilmsen, 1990); ou de muitas sociedades ameríndias atuais, um produto de desagregação de grandes impérios (Dias 1991).

- *Das interrogações intelectuais às sociedades reais.* Há que distinguir as questões que se investiga (uma construção intelectual), do local ou cena social onde essas questões são investigadas (uma “sociedade” concreta). Não são os terrenos de estudo, ou determinadas sociedades ou cenas sociais, que são “antropológicos”, mas sim o tipo de questões que preocupam a disciplina e decorrem da sua problemática “tradicional”: a semelhança e a diferença, a diversidade cultural e social. Essas são as interrogações específicas da disciplina, podendo as questões ligadas a esta problemática ser investigadas em lugares “exóticos”, mas também mais próximos. Em suma, as grandes interrogações são as mesmas, os terrenos transformam-se.

- *Um projeto antropológico e uma ética.* Porque escapariam as chamadas “sociedades ocidentais” a um olhar antropológico? Isso iria contra o projeto e a ética epistemológica da disciplina, segundo a qual não há sociedades em diferentes níveis de evidência. Mesmo aquilo que nos parece familiar pode não ser mais natural ou menos arbitrário do que um costume longínquo e obscuro. A disciplina incide sobre o conjunto das situações de alteridade e de

O que é a antropologia? Identificação de uma disciplina

diversidade onde quer que se manifestem, nas sociedades ditas tradicionais ou pós-industriais (Lenclud, 1988: 156-158). Há muito que a antropologia deixou de ter um perfil primitivista.

- *Dos atributos e das coisas em si.* Que a disciplina tenha começado pelas sociedades "primitivas" deveu-se a um acaso histórico, às circunstâncias históricas que envolveram a origem desta área do saber. Mas estas sociedades nunca tiveram nenhuma propriedade intrínseca comum a todas elas, a não ser o facto de terem sido estudadas por antropólogos. Defini-las pela ausência de Estado, por exemplo, é isolar um atributo decorrente de critérios do investigador, necessariamente refletindo a sua visão do mundo. Mas os critérios de classificação poderiam ser muitos outros, o que daria origem a outros recortes. Definir pela negativa algo que não se ajusta aos esquemas conceptuais familiares, em termos de uma falta ou de uma ausência, é enviesar à partida os dados do problema.

Os atributos que abstraímos de uma coisa não são a coisa em si. Nunca os descrevemos a todos, mas só a alguns; põem em relevo um aspeto entre muitos outros, ou uma certa agregação de aspetos. Mesmo que um chapéu tenha três bicos, como na canção, não reside neles necessariamente a sua essência -- da mesma maneira que a menção "sem colesterol" num frasco de doce ou a de "sem açúcar" num pacote de batatas fritas não define necessariamente as características essenciais destes produtos para quem não tenha preocupações de saúde. A única característica comum a todas as sociedades estudadas pela antropologia ao longo da sua história é a sua alteridade em relação à sociedade de origem dos antropólogos. Mas, como se referiu, essa alteridade é sempre relativa e há escalas de diferença. As sociedades em que vivemos podem ser internamente diferenciadas do ponto de vista social e cultural, do mesmo modo que as sociedades ditas exóticas também não são homogéneas, nem unanimistas, como se verá adiante.

Leituras principais:

COPANS, Jean: 1974, *Críticas e políticas da antropologia* (cap. 1), Lisboa, Edições 70.

ERIKSEN, Thomas: 1995, *Small Places. Large Issues*, Pluto.

O'NEILL, Brian: 2006, *Antropologia Social. Sociedades Complexas*, Lisboa, Universidade Aberta (cap. 1).

Leituras de aprofundamento:

BROMBERGER, Christian: 1987. "Du Grand au Petit. Variations des Echelles et des Objets d'Analyse dans l'Histoire Récente de l'Ethnologie de La France ". in I. Chiva; U. Jeggle eds. *Ethnologies en Miroir. La France et les Pays de Langue Allemande*. Paris. France. Editions de la Maison des Sciences de l'Homme: 67-94.

INGOLD, Tim: 1994, "Humanity and Animality", in T. Ingold (ed.) *Companion Encyclopedia of Anthropology*, Routledge: 14-32

PINA CABRAL, João: 2006, "Anthropology challenged: notes for a debate" *JRAI*, 2: 663-673.

(ver também obras assinaladas*)